

Desafios postos aos Docentes de Latim

*Joana de Barros**

Intitulei a minha comunicação *Desafios postos aos docentes de latim*. Mas será que qualquer autêntico docente, de qualquer matéria, não enfrenta constantemente desafios? Qual não se sente, com maior ou menor frequência, interpelado? Qual não procura caminhos diversos, abordagens diferentes para transmitir aquilo que tem a transmitir de forma a assegurar que os seus alunos o apreendam o melhor possível?

Será que é mais difícil dar resposta aos desafios postos aos docentes de latim? Para responder a esta questão é necessário pensar se o latim ocupa (ou não) um lugar especial no conjunto dos ramos do saber, em geral, e, mais especificamente, no conjunto dos ramos do saber em que se inclui: o das humanidades. A resposta parece-me claramente afirmativa. Vejamos algumas das razões que, a meu ver, tornam o latim (e o grego também, como é evidente, mas não é dele que me ocupo) um caso especial. O latim é uma língua, e os alunos aprendem outras línguas. Mas, de todas elas, só o latim não se fala hoje. Bastaria esta circunstância para colocar o latim num lugar à parte. Mas há mais: o latim podia não se falar, mas ter uma estrutura próxima da das línguas que falamos, o que tornaria a sua aprendizagem muito mais fácil. Mas não tem: a sua estrutura é totalmente diferente, e a respectiva aprendizagem é mesmo bastante difícil, como todos bem sabemos. E quanto à possibilidade de ler no original obras fundamentais da literatura universal de todos os tempos? Quantos discentes de latim têm essa ambição? Quantos não pensam que é muito mais cómodo lê-las em tradução? As razões apresentadas, que não são exaustivas, são mais do que suficientes para se concluir que o latim não é uma disciplina como as outras. A essa especificidade se deve, com certeza, o facto de ter sido retirada do currículo do ensino secundário, e mesmo universitário, em cursos onde o conhecimento do latim é fundamental, e durante vários anos. Alguém pensou alguma vez suprimir do currículo do ensino secundário disciplinas como a geografia, a história, as ciências naturais, etc.(com estas ou outras designações)?

Vivemos numa sociedade de consumo e, quer queiramos, quer não, a filosofia subjacente a tal sociedade invade a área do saber. Os alunos não compreendem porque têm de estudar matérias que, tal como o latim, não se traduzem em lucros

* Leitora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

mais ou menos imediatos. Não estão dispostos a investir nelas. Protestam, aborrecem-se, desinteressam-se. Ou escolheram o curso de Línguas e Literaturas Clássicas e, nesse caso, tudo bem. Ou escolheram um curso de Línguas e Literaturas Modernas, de cujo currículo o latim faz parte e, então, duas hipóteses se põem: ou o aluno gosta, por si mesmo, do latim (e, *dis gratia!*, ainda há alunos desses), ou não gosta e a sua tendência é pôr imediatamente o latim de lado.

Estou certa de que praticamente todos os colegas que têm a seu cargo as cadeiras de Latim I e Latim II (sobretudo Latim II) para alunos dos cursos de Línguas e Literaturas Modernas têm uma experiência idêntica à minha: começa-se o ano com bastantes alunos mas rapidamente o seu número vai decrescendo, até se chegar ao fim muitas vezes com cerca de metade (ou mesmo menos). Ainda nem sequer tiveram tempo para perceber como a cadeira vai ser ministrada, como se vão desenrolar as aulas e já desapareceram. Normalmente apenas foram capazes de compreender que lhes ia dar trabalho... . Pensam: "não se faz este ano, faz-se no próximo". E, assim, muitos chegam ao fim do curso ou só com Latim II, ou mesmo com Latim I e II, por fazer. Julgo que estão convencidos de que ninguém terá coragem de os reprovar, quando lhes faltam apenas aquela(s) cadeira(s) para completarem o curso. E acreditem que é, de facto, precisa coragem para o fazer, mesmo quando é óbvio que os alunos continuam a nada saber de latim...

Como se poderá evitar esse êxodo dos alunos de latim? Podem responder-me que não vale a pena nós docentes preocuparmo-nos demasiadamente com ele, que a nós nos compete dar as aulas, aos alunos estudarem, e que, se não querem estudar e preferem desistir, o problema é deles. Será mesmo só deles o problema? Ou a nós também nos cabe uma quota parte de responsabilidade? Quanto a mim, devo confessar que não é nunca sem uma certa inquietação interior que vejo um aluno desaparecer das minhas aulas, contanto que isso não aconteça logo no início do ano escolar. De cada vez penso: teria podido evitar que desistisse? O que devia ter feito para o/a conservar?

Estamos numa sociedade de consumo, repito. É preciso saber "vender o produto". E, neste caso, por muito que esta afirmação possa chocar alguns, o produto é o latim. Aqui, como outros noutras áreas, temos de descobrir técnicas de "marketing" para evitar que os nossos "clientes" fujam, para os manter despertos e interessados. Ou será que nós, latinistas, a quem incumbe não deixar cair no esquecimento a língua de Cícero ou de Virgílio, não temos a ambição de levar os nossos alunos a gostarem do latim, como nós gostamos e a terem o desejo de o "consumir" cada vez mais? Será que não desejamos ensinar-lhes a "mexerem" na língua, a entrarem na sua estrutura profunda, a saberem desmontá-la, dando-se progressivamente conta da sua força e da sua riqueza, até serem capazes de compreender os textos, infelizmente poucos, porque o tempo lectivo é muito curto

para tão vasta matéria, que constam da *Selecta* que para eles organizamos? Se verificarmos que são capazes de os traduzir, podemos ter a esperança de terem ficado a saber latim e de virem a sentir, posteriormente, curiosidade de efectuar outras leituras na língua original.

Como proceder? Como actuar? O mais importante de tudo, parece-me, é gostar, gostar muito do que se está a fazer, estar-se completamente ali, atento aos mais pequenos sinais, às mais ínfimas ocasiões, sentir entusiasmo e transmitir esse entusiasmo. E, simultaneamente, ir aperfeiçoando os nossos métodos de ensino. Nunca ensinar nada exactamente da mesma maneira mas, em cada novo ano escolar ir introduzindo alterações, tentando melhorar, procurando chegar cada vez mais próximo do ideal que nos deve nortear: fazer com que os alunos aprendam, mas *aprendam mesmo* latim.

Chegou agora a altura de dar testemunho de algumas experiências que, ao longo da minha vida de docente de latim, tenho, creio que com êxito, levado a cabo. Começo por distinguir duas circunstâncias totalmente diversas: o latim de iniciação, por um lado, e o latim para alunos já iniciados, por outro.

Quanto ao latim de iniciação, devo começar por afirmar de forma inequívoca que não tenho quaisquer escrúpulos em utilizar textos forjados, desde que apresentem qualidade, e que considero mesmo vantajosa a sua utilização, sobretudo se se tratar de textos preparados como um conjunto homogéneo, em que a matéria se vá como que desenrolando perante os olhos dos alunos, em que as dificuldades se vão progressivamente acentuando, em que o vocabulário-base apareça numa frequência que permita a sua fixação sem grande custo.

Durante os anos de 1977/78 e de 1978/79 tive a feliz oportunidade de ministrar a alunos do curso de Línguas e Literaturas Românicas respectivamente as cadeiras de Língua e Cultura Latina I e II (era então essa a designação da cadeira). Era a primeira vez, desde o 25 de Abril, que na Faculdade de Letras de Lisboa o latim voltava a fazer parte do currículo desse curso e os alunos, na sua maioria, nunca tinham aprendido latim e mostravam-se muito reticentes quanto à sua reintrodução... Pareceu-me, assim, oportuno utilizar um método de ensino o mais possível aliciante e, depois de alguma reflexão, resolvi recorrer ao manual *Ecce Romani* que utilizei durante o primeiro ano e os dois primeiros trimestres do segundo ano. Foi das experiências mais gratas que até hoje me foi dado desenvolver. No fim dos dois anos, poucos alunos tinham ficado pelo caminho. Quanto aos que concluíram o curso foi com certo espanto que verifiquei que eram capazes de compreender os textos que, no último trimestre do segundo ano, lhes foram apresentados. Julgo poder dizer que esses alunos tinham entrado na estrutura profunda da língua latina e que, como tal, a sabiam desmontar melhor.

Repeti essa experiência uns anos mais tarde, agora para alunos do curso de Línguas e Literaturas Germânicas, mas dessa vez de forma mais acelerada: só no

primeiro ano e no primeiro mês do segundo ano utilizei o *Ecce Romani*. A partir dessa ocasião, os alunos utilizaram uma *Selecta* que para o efeito preparara. O êxito não foi talvez tão grande, mais alunos ficaram pelo caminho, mas os que chegaram ao fim tinham também uma boa preparação que até lhes permitiu fazerem-me um discurso de despedida... em latim. Com alguns erros, mas em verdadeiro latim.

Ao mesmo tempo que os textos iam aparecendo, fazia com os alunos um levantamento de tudo o que cada um deles continha de novo, no campo da morfologia e da sintaxe. Aconselhei-os vivamente a não utilizarem, pelo menos nos primeiros tempos, uma gramática, mas a irem organizando cada um a sua com as indicações que iam sendo dadas nas aulas. Abriram quadros para cada uma das alíneas da matéria que, progressivamente, iam preenchendo. Quer dizer, nada era aprendido antes de ser encontrado num determinado texto. So depois era explicado e registado. Posso garantir que os alunos que seguiram escrupulosamente este método, foram aqueles que mais depressa aprenderam, sem voltarem a esquecer, as declinações, as conjugações, etc.. Talvez porque, em vez de se limitarem a memorizar, foram obrigados a relacionar, a deduzir, a observar as analogias e as diferenças. Foram, enfim, agentes activos, em vez de espectadores passivos.

Uma outra componente das aulas era a troca de algumas palavras em latim: interrogatórios sobre os textos e, ainda, pequenas frases em momentos oportunos. Foi curioso observar que alguns alunos me disseram que o latim lhes dava muito jeito, porque nos corredores conseguiram dizer aos colegas coisas que os "leigos" não compreendiam. Como as diriam, pode imaginar-se. Mas que as dissessem já é, do meu ponto de vista, positivo.

Falta falar da componente lúdica que todo o ensino deve conter. Para a pôr em prática, servi-me fundamentalmente (e continuo a servir-me) da leitura de uma aventura do Astérix, em latim, logo que os conhecimentos que os alunos tinham adquirido da língua latina lhes permitiram efectuar essa leitura. Eu sei que não é latim clássico, concordo que contém expressões de legitimidade duvidosa e até erros. Mas, apesar de tudo isto, considero muito útil o recurso à leitura do *Asterix Gallus*, do *Asterix Legionarius*, do *Certamen Principum*, etc..

Falemos agora do latim para alunos já iniciados. Neste caso, já não há razão nem para recorrer a textos forjados (à excepção do Astérix que é lido durante uns minutos no meio ou no fim da aula, como uma espécie de recreio...), nem para organizar uma gramática. Assim, quando os alunos já têm conhecimentos de latim, a par de revisões constantes, de explicações repetidas (tantas vezes quantas forem necessárias), mesmo sobre assuntos já estudados, o meu principal objectivo é levar os alunos a serem capazes de analisar um texto de forma a compreendê-lo. Se fosse possível, investiria apenas nesta vertente: a compreensão e a tradução dos

textos. Esforço-me sempre por conseguir que os alunos compreendam o latim, que para eles a tradução não seja um verdadeiro quebra-cabeças que frequentemente não efectuam, porque se deixam derrotar logo à primeira dificuldade. Ora, quanto menos traduzem, menos são, como é óbvio, capazes de traduzir. Desbravar-lhes as dificuldades, analisando cuidadosamente com eles cada texto, parece-me ser a forma mais eficaz de os levar a não desistirem da respectiva tradução, tornando-se assim cada vez mais capazes de compreender a língua.

É também neste nível do latim, embora não exclusivamente, que exploro os textos tanto do ponto de vista estilístico como semântico, neste segundo aspecto sobretudo para levar os alunos a descobrir que palavras portuguesas tão diferentes como, por exemplo, *aniversário* – *divórcio* – *universo* ou como *chave* – *clausura* – *exclusão* estão etimologicamente relacionadas, o que constitui sempre uma tarefa gratificante.

E é com estes métodos, entre outros que seria fastidioso referir, às vezes postos em prática de uma forma, outras vezes de outra, que vou procurando, na medida do possível, responder aos desafios que, na minha qualidade de docente entusiástica do latim, consciente de que devo "vender bem o meu produto", se vão pondo. Partilhando-os convosco, de uma maneira muito directa e pragmática, espero ter podido contribuir para que o ensino do latim em Portugal se torne mais aliciante, para satisfação dos que, à partida, se sentem atraídos por essa língua, e para alívio, e talvez grata surpresa, dos que inicialmente a rejeitavam.